

# PADRE ANTÔNIO VIEIRA: FUNDAMENTOS TEOLÓGICOS PARA O QUINTO IMPÉRIO

*FATHER ANTÔNIO VIEIRA: THEOLOGICAL FOUNDATIONS FOR THE FIFTH EMPIRE*

*Alex da Silva Mendes<sup>1</sup>  
David Bruno Narcizo<sup>2</sup>*

**Resumo:** O objetivo desse artigo, é demonstrar que diante do Tribunal do Santo Ofício em Lisboa, o Padre Antônio Vieira, fez uma das mais belíssimas defesas, em favor do Quinto Império, ou como ele mesmo designava: o Reino de Cristo consumado na terra. O grande orador sacro, durante a sua defesa, deixou os inquisidores sem palavras. Eles ficaram perplexos, com os argumentos apresentados pelo profeta escatológico. A arguição de Vieira, tinha como fundamentação: A Escritura Sagrada, as profecias de Bandarra (o sapateiro de Trancoso), as palavras do Cristo ao rei Dom Afonso Henriques, conhecido como o milagre do Ourique, e as grandes navegações e descobertas portuguesas.

**Palavras-chave:** Padre Antônio Vieira. Quinto Império. Profecia. Sebastianismo.

**Abstract:** The aim of this article is to demonstrate that before the Tribunal of the Holy Office in Lisbon, Father Antônio Vieira made one of the most beautiful defenses in favor of the Fifth Empire, or as he himself called it: the Kingdom of Christ consummated on earth. The great sacred orator, during his defense, left the inquisitors speechless. They were perplexed at the arguments presented by the eschatological prophet. Vieira's argument was based on: Sacred Scripture, the prophecies of Bandarra (the shoemaker from Trancoso), the words of Christ to King Dom Afonso Henriques, known as the miracle of Ourique, and the great Portuguese navigations and discoveries.

**Keywords:** Father Antonio Vieira. Fifth Empire. Prophecy. Sebastianism.

## Introdução

Vieira escreveu cerca de 220 sermões, mais de 650 cartas, muitos discursos apologéticos, gratulatórios e panegíricos; além de exortações, exórdios, prédicas, homilias, e orações fúnebres, não se esquecendo a sua defesa no processo que lhe foi movido pela inquisição, e, principalmente, uma relativamente curta peroração, mas encantadora obra-prima.

---

<sup>1</sup> Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP). Membro dos Grupos de Pesquisas: Lerte (Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia), A Questão de Deus e Sociedade Paul Tillich do Brasil. E-mail: [professoralex.educacao@gmail.com](mailto:professoralex.educacao@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP). Especialista em Cristologia pelo Centro Universitário Claretiano. Membro do Grupo Lerte (Pesquisa em Literatura, Religião e Teologia). E-mail: [davidteo.art@gmail.com](mailto:davidteo.art@gmail.com)

De acordo com Abrão (2012, p. 15), o corpus profético de Vieira são: *Esperança de Portugal* (carta ao bispo do Japão), *História do Futuro* (obra inacabada) e a *Clavis Prophetarum*, que tem por subtítulo: *De regno Christi in Terris consummato*. Na obra profética, História do Futuro, Vieira vai anunciar o Quinto Império.

O Padre Antônio Vieira começou a escrever História do Futuro, na década de 40, em 1649. Por causa do Conselho Geral da Inquisição de Lisboa, ele para de escrever História do Futuro, e só vai retomar essa obra em 1663-65, cerca de 14 anos. Vieira endereça essa obra profética para cinco destinatários: O mundo, Portugal, o leitor em geral, o leitor cristão e a Espanha.

O padre Antônio Vieira, nasceu em Lisboa, em 6 de fevereiro de 1608 e morreu em Salvador, em 18 de julho de 1697 (aos 89 anos). Além de padre jesuíta, teólogo, orador e missionário, Vieira foi escritor, professor, diplomata, filósofo e conselheiro real. Falava várias línguas, o latim era sua segunda língua.

De acordo com (BOAS, 2008, p. 157), Vieira foi muito influenciado pelo teólogo espanhol Francisco Suarez, o qual o chamou de *Eximius Theologus* e águia dos teólogos. Vieira está inserido por formação na tradição escolástica de matriz tomista, que tanto se preocupava em disciplinar e regulamentar a profecia.

Os escritos proféticos de Vieira, possuíam uma forma literária revestida de magia verbal, o seu sermão barroco atingia simultaneamente a sensibilidade e a inteligência, comunicando com maior eficácia a mensagem religiosa.

Vieira, utiliza a abordagem do sebastianismo como uma forma de messianismo que vinha povoando o imaginário luso-brasileiro desde o século XVI. Esse fenômeno político-religioso-sociocultural, tem sua origem no messianismo judaico-cristão, gira em torno da lenda de D. Sebastião, que não teria morrido na fatídica batalha de Alcácer-Quibir, na qual Portugal, perdeu sua autonomia política e passou ao domínio espanhol (1580-1640). É durante esse período, a União Ibérica, que o sebastianismo se propagou, tanto no meio popular quanto no meio dos pensadores, alimentado por visões e profecias.

O melhor expoente do sebastianismo letrado foi o padre Antônio Vieira, sendo uma figura significativa no século XVII, apresentando-se como o principal formulador do mais importante mito cultural português, o Quinto Império, paraíso terrestre liderado por um monarca português, atuando tanto no Brasil, como missionário da Companhia de Jesus, quanto em Portugal, atuando junto à Corte, sintetizou com maestria o século XVII luso-brasileiro.

Em 1663, chegado havia pouco do Brasil, expulso pelos colonos do Maranhão, Vieira foi instado pelo Santo Ofício a justificar as opiniões que expusera na Carta *Esperanças de Portugal* que escreveu em 1659 ao Bispo do Japão, profetizando a ressurreição do Rei D. João IV. Processado pela Inquisição de Coimbra, Vieira pediu para redigir uma resposta ou apologia a eles, os inquisidores, cuja permissão pelo Conselho Geral só lhe foi dada em abril de 1664.

Segundo os Autos do processo de Vieira na Inquisição (O PROCESSO DO TRIBUNAL DO SANTO OFÍCIO, TOMO III, VOLUME IV, p. 12), “o processo contra Vieira, vai de 18/04/1663, com a denúncia feita pelo Frade Jorge de Carvalho, até audiência de perdão, em 30/06/1668. Vieira Ficou recluso nos cárceres do Santo Ofício de Coimbra e foi submetido a trinta exame de audiências, entre 1663 e 1667. Ele foi interrogado por Alexandre da Silva. O crime de que a Inquisição o acusa diz respeito a heresia e judaísmo. As circunstâncias do Processo de Vieira na Inquisição, estão expostas na *História de Antônio Vieira*, nos textos introdutórios das *Obras escolhidas e Apologia*”.

Vieira está inserido por formação, na tradição escolástica de matriz tomista que tanto se preocupava em disciplinar e regulamentar a profecia, estreitando cada vez mais o limite das profecias canonicamente aceitas, Vieira reabriu profusamente a riqueza da inspiração profética fazendo com que superasse o limite da Igreja para se acolher, também os fundamentos teológicos para o Quinto império.

### **1. As Sagradas Escrituras, em especial os livros proféticos de Daniel e Zacarias**

No primeiro capítulo da História do futuro, com uma grande convicção, Vieira vai falar a respeito do Quinto Império do mundo.

Segundo Abrão (2012, p. 65),

Vieira o fará com a ajuda de sua leitura teológica da história e com o recurso às Escrituras, nas quais analisa sentidos e equivalências de diversas situações. Sem ignorar outros impérios da história, ele se ocupará apenas dos mencionados pela Escritura e se esforçará em provar que o Quinto Império já está anunciado pelos profetas. Antes de tudo por Daniel em sua descrição e sua interpretação do sonho de Nabucodonosor.

Por sua vez, Vieira reinterpreta esse sonho e nomeia os impérios e os reinos. Vê o Império Romano (dedos em ferro) em combate contra os turcos e em defesa da fé cristã. Mas há também a fragilidade dos reinos França, Inglaterra, Suécia, Espanha, que não

chegam a unir-se e não reconhecem que a guerra travada entre eles é, em muitos casos, uma guerra contra seu próprio sangue. Vieira se lança com tal paixão nessa leitura que denuncia um deslocamento de energia: as energias que deviam servir para fortalecer o Império Romano contra os turcos foram dispensadas contra Portugal. A grande fragilidade desse Império é essa incapacidade de união. A finalidade desse primeiro capítulo, na parte que precede o Livro Primeiro (Jesus, Maria, José), é mostrar, conforme a primeira profecia de Daniel, que após os impérios dos assírios, persas, gregos, romanos, a perdurar ainda quando Vieira escreve, haverá um Quinto e último Império. E segundo ele essa suposição é sustentada pela fé, pela experiência e pela razão.

No segundo capítulo, Vieira toma a visão de Daniel: as quatro bestas saídas do mar. Apoiando-se nos antigos comentadores, afirma que o mar e as tempestades significam respectivamente o mundo, as guerras e perturbações neste mundo quando do surgimento dos novos impérios. Analisa também a possibilidade de interpretação da frase da profecia em que é dito que uma nova monarquia aparecerá nos dias desses impérios. Para não situar essa monarquia no passado, Vieira se interessa por outra possibilidade. No sonho de Nabucodonosor não se trata de quatro entidades ou quatro pessoas, mas de uma só estátua. A duração pode ser tomada em seu conjunto e, desse modo, pode-se afirmar que Deus fará elevar-se no tempo desses reinos o Quinto Império.

No terceiro capítulo trata-se de continuar a argumentar em favor do Quinto Império, dessa vez com a ajuda de Zacarias. Ele mostra antes de tudo que a linha de sucessão dos reis (Nabucodonosor, Baltasar, Hidaspes) e dos profetas (Daniel e Zacarias) não é interrompida.

E Deus não cessou de fazer suas revelações sempre prometendo um Quinto Império. A resposta do anjo a propósito da visão de Zacarias é, segundo os exegetas, tão enigmática quanto a própria visão.

A seguir, Vieira se aplicará a identificar quem são os vigorosos do Império Romano de que fala o Anjo em Zacarias 6. Eis sua linha de raciocínio:

- a) Os romanos não conquistaram o mundo; eles não chegaram à América, que é uma metade do mundo;
- b) Como então o Anjo poderia fazer alusão aos romanos dizendo que percorreram todo o mundo?

Vieira coloca em diálogo dois autores: Sanchez e Cornélio a Lapide. Sanchez identifica aos espanhóis os vigorosos de que fala o Anjo. A indicação dos romanos está largamente compreendida como a origem dos reis da Espanha vindos dos godos que lutaram pelo Império Romanos.

Abre-se o Segundo Livro. Na tentativa de explicitar qual será esse Império, Vieira começa por uma definição importante para ele: “[...], é conclusão certa e de fé que este Quinto Império de que falamos, anunciado e prometido pelos Profetas, é o Império de Cristo e dos Cristãos” (VIEIRA, HF I, p. 459).

Ao fazer ainda alusão à profecia de Daniel, ele designa o Cristo como sendo a pedra que faz cair a estátua e as quatro monarquias. Para o simbolismo dessa pedra ele evoca os Padres e comentadores católicos e reconhece que por um lado os hereges, por outro os próprios rabinos compreendem que o Reino do Messias está aí profetizado.

## **2. As profecias ou trovas anunciadas pelo sapateiro Bandarra**

Magalhães (2004, p. 1) descreve:

Gonçalo Annes Bandarra foi um sapateiro que viveu em Trancoso, pequena cidade comercial da região da Beira, no início do século XVI, e que, posteriormente, foi identificado como o fundador do sebastianismo e profeta da Restauração Portuguesa. Nasceu por volta de 1500 e, a partir de 1541, data da realização do auto inquisitorial pelo qual foi condenado, não se tem mais informações sobre ele. Alguns, como António Machado Pires, acreditam que tenha morrido por volta de 1556, enquanto D. João de Castro estabelece 1560 como o ano de sua morte. Por meio da leitura das Escrituras Sagradas e de sua prodigiosa memória, Bandarra adquiriu fama em sua cidade, sendo considerado uma espécie de Rabi local, interpretando a Bíblia e suas profecias para os cristãos-novos da região. Escreveu suas Trovas nas primeiras décadas dos quinhentos e, de acordo com seus autos, aquelas já em 1531 eram lidas em Lisboa, tendo grande inserção junto aos cristãos-novos, principalmente pelo seu apelo profético e messiânico, já que muitos conversos esperavam para o século XVI a vinda do messias.

Bandarra foi perseguido e detido pela Inquisição, em 1541, mas recebeu penas leves, por não se ter conseguido provar nenhuma ascendência judaica, a despeito de sua intensa relação com os conversos. Apesar da condenação inquisitorial, que proibiu a posse e divulgação das Trovas, os escritos de Bandarra tiveram boa aceitação em Portugal, essencialmente pela convivência entre cristãos-novos e velhos, pois afirmavam que todos os povos caminhariam em direção a uma única fé, liderados por um rei português.

Segundo indicações de seus autos, as Trovas só foram compiladas em 1537 ou 1538, por Heitor Lopes, tosedor converso de Trancoso, sendo um dos manuscritos adquirido por Afonso de Medina, Desembargador da Mesa de Consciência do Santo Ofício, o que causou início ao processo inquisitorial.

No dia 29 de abril de 1659, Vieira endereça uma carta a André Fernandes, Bispo Eleito do Japão. Tratava-se de uma carta escrita na selva amazônica, numa viagem de canoa, cujas consequências se viriam a revelar gravosas para a sua vida, mas ao mesmo tempo bastante ricas para a sua foi ao justificar as teses nela expressas que escreveu textos de elevada profundidade e beleza.

O objetivo mais imediato da referida carta fora o de confortar a Rainha D. Luísa de Gusmão, pela morte do Rei D. João IV, três anos antes, estabelecendo, com base na interpretação das profecias de Bandarra, um silogismo, cujas premissas, maior e menor, encaminhavam à conclusão da ressurreição do falecido rei, num futuro próximo, a fim de assumir a soberania do Quinto Império do mundo. O futuro príncipe do universo seria D. João IV, e não D. Sebastião, como postulavam outras interpretações das Trovas de Bandarra, nomeadamente as que foram fixadas por D. João de Castro (neto de D. João de Castro, Vice-Rei da Índia), na sua Paráfrase, e por Fr. Sebastião de Paiva, no não menos relevante *Tratado da Quinta Monarquia*.

A tese de que Bandarra foi verdadeiro profeta, inspirado por Deus, dá o mote à representação primeira da sua defesa. Já a representação segunda corresponde ao aprofundamento de temas fundamentais, também abordados na *Apologia* e na *História do Futuro*, referentes à evangelização e conversão de todos os povos da terra, com exceção do turco, cuja destruição considerava já profetizada desde Daniel, e depois por Bandarra, e cuja inevitabilidade decorria da inimizade obstinada do império otomano em face da cristandade, razão por que contra ele invocava a doutrina da guerra justa. Não que a infidelidade fosse, por si só, título de guerra justa, mas porque Vieira retomava aqui a tradição de que existia uma guerra quase perpétua contra turcos e mouros, cuja justiça era, aliás, reforçada pelo facto de ocuparem territórios outrora pertencentes aos cristãos.

Nesse processo de conversão universal avultava o das dez tribos perdidas de Israel, bem como, uma vez mais, a conversão dos judeus. Seguir-se-ia a emergência de um novo e último império, o quinto, até à vinda do Anticristo, após o que se travaria o derradeiro combate entre o bem e o mal, sendo este vencido. Assim se cumpririam as antigas e modernas profecias, mostrando como há de ser universal a Cristandade em todo o mundo no tempo do consumado Império de Cristo e estado perfeito de Sua Igreja.

Segundo Apologia (TOMO III, VOLUME III, p. 16), “Viera dispõe a argumentar em seu favor os acontecimentos profetizados não só nas Trovas de Bandarra, mas também na Escritura Sagrada, deverão inevitavelmente ocorrer no mundo.”

São elas:

- 1- Que todas as seitas hão de se fazer cristãs, por meio da pregação do Evangelho;
- 2- Que nesta conversão universal estão incluídos os judeus;
- 3- Que as dez tribos perdidas de Israel, também convertidas à fé cristã, reaparecerão;
- 4- Que com a destruição do império otomano se há de levantar o Quinto Império, definido como um reino cristão universal, temporal e espiritual.

Tendo escolasticamente discutido os requisitos prévios para a instauração do Quinto Império, Vieira deveria abordar o ser, a substância mesma deste Império. Ele não chegou a escrever este capítulo. Ou melhor, como era assunto dos mais polêmicos, em confronto direto com a doutrina católica dominante, Vieira apenas redigiu notas esparsas, que refletem precariamente opiniões jamais desenvolvidas na íntegra. É certo que na *Defesa* e na parte da *História do Futuro* que está publicada reiteradas vezes afirma que o Quinto Império é o Reino de Cristo e dos cristãos e que abarcará a terra inteira; mas não especifica em que consiste a distinção essencial deste Reino com relação aos outros, nem a singularidade de ser um império simultaneamente temporal e espiritual.

### **3. As palavras do Cristo ao rei D. Afonso Henriques, conhecido como o milagre do Ouriques**

O ambiente português no século XVII estava impregnado por crenças de fundo messiânico-milenarista. Vieira volta a Portugal em 1641 e encontra um país em verdadeira efervescência visionária, mantida em alta pela confluência do messianismo sebastianista e as novidades da Restauração. Esse é o lugar em que os sinais, muitos na visão de Vieira, da eleição portuguesa podem ser abundantemente detectados. A junção das profecias que penetravam o imaginário português recobria a percepção sobre o Reino

dotando-o de uma exclusividade. Este seria dono e proprietário singular da missão de cristianizar todo o mundo. Quando se fala no clima místico e no ambiente carregado de prenúncios e presságios messiânicos encontrado e desenvolvido em Portugal é preciso ter em conta que tais crenças estariam apoiadas, basicamente, em três correntes de pensamentos milenaristas: a joaquimitas, o judaísmo e o messianismo português.

De um ambiente extremamente afeito ao mistério, o empenho de Vieira passa pelo reforço do papel do Estado. Basicamente, o que importa é a ordenação e a hierarquização do modelo monárquico de poder. O Portugal de Vieira precisava renascer, restaurar-se, fazer valer sua identidade tal e qual nascido no momento mesmo de sua fundação providencial, conforme Ourique.

Neste sentido, Vieira não rivaliza com o pensamento corrente da segunda escolástica, mas, ao mesmo tempo, não adere totalmente aos pressupostos estabelecidos pelos tridentinos. Sua posição é clara: há um Estado escolhido, e não um único rei, o que conduziria a consideração herética dos luteranos que queriam a concessão direta ao príncipe do poder divino.

Segundo (MANDUCO, 2005, p. 253), “No caso de Vieira, é o Estado que ganha preeminência. Este corpo de ordens hierarquicamente constituído, a partir de uma cabeça, é o agente histórico capaz de realizar a tarefa, missão mesma de atualização da semelhança entre o mundo criado e sua Causa Primeira.”

Em *História do Futuro* (TOMO III, VOLUME I, p. 33), descreve:

A narrativa de Vieira sobre Ourique, na véspera da batalha com o mesmo nome, Cristo prometera ao futuro Rei Afonso Henriques, bem como aos seus descendentes, o papel cimeiro na edificação do império universal cristão, bem como a atenuação da monarquia portuguesa na décima sexta geração - correspondente a D. Henrique -, após o que se daria a ascensão de Portugal ao lugar cimeiro do mundo.

Por sua vez, na antevisão deste futuro prodigioso e extraordinário, Vieira sublinhava a importância das profecias de Bandarra, a cuja interpretação se entregou com desvelo, levando-as a coincidir com os acontecimentos que marcaram a Restauração e com as esperanças num novo império do mundo, após a derrota do império turco, razão por que o considera verdadeiro profeta.

Eram estas as esperanças que dariam vida e ânimo aos portugueses, no contexto tão difícil do confronto com Espanha, na altura a maior e mais poderosa potência do mundo. Eram estas mesmas esperanças que, por nos derem um horizonte de ação, uma tão poderosa consciência de missão e uma amplitude tão contrastante com a debilidade

aparente dos meios de que dispúnhamos, eram estas esperanças, dizíamos, que o levavam a proclamar que todos os que na matéria de Portugal se guiaram pelo discurso, erraram e se perderam, pois que o nosso futuro próximo reclamava, nas suas palavras, uma aritmética que se não esgotava no quadro da razão natural, devendo levar-se em conta a segurança da assistência divina e providencial, em contexto messiânico, relativo à crença na redenção futura da Humanidade.

Para o douto jesuíta, o futuro de Portugal e dos portugueses, a sua missão de escala planetária, anunciada por Cristo em Ourique, fora também profetizado por Bandarra, bem como pelos profetas canônicos da Antiguidade, sobretudo por Isaías, ao qual se refere, no capítulo XII do *Livro ante primeiro*, como o profeta singularmente escolhido para falar tanto das maravilhas da lei evangélica como do papel e função dos portugueses na planificação da história universal.

#### 4. Vieira e a restauração de Portugal

Nos Prolegômenos ou Livro Ante Primeiro, Vieira escreve sua história para alguns destinatários: Portugal, à Europa e ao mundo.

História do Futuro (TOMO III, VOLUME I, p. 63) descreve:

Nenhuma coisa, senhor, se pode prometer à natureza humana, nem mais conforme a seu maior apetite nem mais superior a toda sua capacidade, que a notícia dos tempos e sucessos futuros; e isto é o que oferece a Portugal, à Europa e ao mundo está nova e nunca ouvida *História*. As outras histórias contam as coisas passadas; esta promete dizer as que estão por vir. As outras trazem à memória aqueles sucessos públicos que viu o mundo; está intenta manifestar ao mundo aqueles segredos ocultos e escuríssimos que não chega a penetrar o entendimento.

A palavra de Vieira, dirigida a Portugal é de esperança. Ele anuncia dias melhores e felicidade. Para Vieira, a concretização da esperança, está associada ao futuro. Para ele, fazem parte do processo que ajudará Portugal a ancorar sua esperança na fidelidade a Deus. Nessa perspectiva, os portugueses são convocados a esperar, pois quem deu as esperanças vos mostrará o cumprimento delas.

A importância de entrever um futuro que começa a tomar forma no presente pareceu-lhe fundamental. Provavelmente é por esse prisma que em sua *História* as profecias são mais que profecias. A felicidade distante não o convence nem é um argumento para o tema da esperança nesse discurso dirigido ao seu povo.

Aliado ao procedimento de fundar a esperança, outro desafio é lançado. Ironicamente, essa nação, capaz de empreender grandes descobertas, ainda não descobriu sua verdadeira vocação nem sua verdadeira história. Essa descoberta é condição de sobrevivência para Portugal. Em sua *História do futuro*, Vieira expressa um certo nacionalismo.

História do Futuro (TOMO III, VOLUME I, p. 74) descreve:

Portentosas foram antigamente aquelas façanhas, ó portugueses, com que descobristes novos mares e novas terras, e destes a conhecer o mundo ao mesmo mundo. Assim como léeis então aquelas vossas histórias, lede agora está minha, que também é toda vossa. Vós descobristes ao mundo o que ele era, e eu vos descubro a vós o que hei de ser. Em nada é segundo e menor este meu descobrimento, senão maior em tudo: maior gama, maior cabo, maior esperança, maior império. Naqueles ditosos tempos (mas menos ditosos do que os futuros) nenhuma coisa se lia no mundo senão as navegações e conquistas de portugueses. E esta História será o silêncio de todas as histórias. Os inimigos liam nelas suas ruínas, os émulos suas invejas, e só Portugal suas glórias. Tal é a história, portugueses, que vos presento, e por isso na língua vossa. Se se há de restituir o mundo à sua primitiva inteireza natural formosura, não se poderá concertar um corpo tão grande sem dor e sentimento dos membros que estão fora de seu lugar. Alguns gemidos se hão de ouvir entre os vossos aplausos, mas também esses fazem harmonia, se são dos inimigos. Para os inimigos será a dor, para os émulos a inveja, para os amigos e companheiros o prazer, e para vós, então, a glória e, entretanto, as esperanças.

Segundo Magalhães (2004, p. 2): “o século XVII português fora decisivo para a legitimação de sua soberania, tendo em vista que em 1640 recuperara a Coroa anexada por Castela em 1580, após uma disputa sucessória que dera a Filipe II o trono lusitano”. Da coroação de D. João IV, em 01 de dezembro de 1640, até 1669, quando Castela reconhece a soberania portuguesa, se dera o processo de consolidação da nova dinastia, levando a Coroa a enviar diplomatas para diversas cortes europeias, principalmente aquelas que tinham uma posição contrária à Castela, como a França e os Países Baixos, tendo a diplomacia portuguesa um papel fundamental na reinserção de Portugal como nação soberana nas relações europeias. É neste contexto de instabilidade política que devemos entender a atuação de Vieira, confessor e conselheiro do rei, que teve atuação marcante em quase todos os episódios referentes à Restauração Portuguesa. A questão que mais o preocupava era: como garantir a soberania de Portugal contra um inimigo tão grande e poderoso quanto Castela? Como reconquistar o papel que tivera outrora, ou seja, o de senhor dos mares e do comércio colonial?

Segundo História do Futuro (TOMO III, VOLUME I, p. 287), “como se há de sustentar um poderoso exército para resistir às forças de Castela e com que se há de refazer este, no caso que se rompa, ou diminua?”

A idealização do Quinto Império visava à permanência real e a legitimidade do trono português. Tudo que poderia acrescentar benefício ao trono oscilante era válido e acrescentado. A união poder secular e divino era a base da concepção vieirina do Quinto Império. Percebemos na exegese de Antônio Vieira, uma transposição do sentido cultural e religioso que sublinha o elemento religioso em uma afirmação sempre atuante do poder monárquico.

A legitimidade da Dinastia lusitana é o fio condutor dos escritos de Vieira, no período que esteve intimamente ligado a corte, de 1641 a 1661, isso torna-se mais visível. Afinal, no discurso de Vieira, D. João IV era a resposta dos anseios portugueses. O Padre Vieira ousou sonhar com um mundo melhor. Para o jesuíta esse tempo que ele denomina como Quinto Império era uma promessa divina, e dessa forma Portugal estava fadado ao sucesso. O que muitos encaram como Utopia é para Vieira um plano de metas a serem alcançadas para a ascensão lusitana. Para Vieira, D. João IV, o primeiro Monarca da Dinastia Bragança a sentar-se no trono de Portugal era o escolhido de Deus para levar os lusitanos ao seu merecido e profetizado lugar. Portugal restauraria o mundo, era a nação Portuguesa a responsável pela expansão Cristã, pelas conversões dos gentios, pelo Sucesso lusitano, pela Beleza do Futuro. E o Futuro seria primoroso! Para esses bons anos dever-se-ia unir D. João IV e a amada Igreja.

### **Considerações finais**

Dos Sermões à *História do futuro*, duas vertentes do mesmo Vieira. Obras com proporções desiguais: os Sermões, quinze volumes, a História, uma obra inacabada. Datada diferentemente, segundo os autores. O ano 1649 marca sua gênese, embora o desenvolvimento do projeto permaneça assunto controverso.

A entrada no texto confrontou-nos com duas diferentes partes: os *Prolegômenos* e a *História do futuro*. O livro dos *Prolegômenos* manifestou-nos os cinco destinatários aos quais Vieira se dirige: o mundo, Portugal, o leitor em geral, o leitor cristão e a Espanha. Através desses diferentes destinatários Vieira desenvolve vários temas que nos fazem entrever, conforme seu interlocutor, os elementos específicos que apontam para suas convicções teológicas. Ao mundo, após a constatação do desejo que habita o homem,

ele faz compreender que Deus é o Senhor do Futuro. O tempo, lugar de vida do homem, é também lugar de comunicação e lugar de revelação Daquele que vive na eternidade: Deus. Num segundo tempo, Vieira dedica sua História do futuro a Portugal, pátria que ele ama. É por isso que a exorta à esperança, à descoberta do sentido do futuro, de sua verdadeira vocação e de sua história. Depois, ele evoca seu terceiro destinatário: o leitor em geral. Tendo sempre em vista a explicação dos títulos dados à sua História, Vieira precisa nela o sentido do termo mundo. Essa explicação é de grande importância para compreender o mundo do *Quinto Império*. Trata-se para ele de um mundo em que desaparecerão o medo, a inveja e onde Deus terá todo o seu espaço.

É então para Vieira o momento de dirigir-se ao leitor cristão, seu quarto destinatário, a quem se trata de interpelar, atraindo seu olhar para o futuro, onde é convocado pessoalmente a caminhar como alguém que espera, servindo-se não da memória do passado, mas da memória do futuro. Isso lança o homem no cerne da promessa e convoca o cristão a conhecer e a reconhecer a ação de Deus na história. A esperança torna o cristão atento à promessa, perseverante nas provações e capaz de discernir o futuro que Deus lhe abre. Por meio de alguns exemplos históricos, Vieira convida o cristão à audácia da fé e fundamenta a condição de possibilidade do agir na fé nessa promessa, isto é, na palavra dada por Deus. A fé é chamada a expressar-se também em circunstâncias históricas bem precisas, renunciando a toda ilusão de poder e de riquezas.

Desejando continuar o diálogo na fé, ele finalmente evoca seu quinto destinatário: a Espanha. Como o homem ou uma nação pode viver como cristão se se distancia da vontade de Deus? Com Vieira, fomos interpelados sobre o ser cristão, e percebemos que a noção de eleição não é para ele algo adquirido que permite à humanidade repousar. Isso implica uma vigilância permanente para estar atento à voz de Deus que se expressa pelos profetas e por todas as mediações das quais Ele querará servir-se.

O apelo a se lançar na fé é retomado ao longo de toda a sua História. Vieira engaja cada ser humano como auditor privilegiado das profecias, convocando-o a uma leitura dialógica à Luz que daí mana. O homem está então situado no futuro, projetado no futuro, não no sentido de fugir do presente, mas no sentido de assumi-lo inteiramente, de nele imergir-se com todas as suas forças. Imersão que não o submerge, mas que o abre às dimensões do futuro prometido por Deus.

Para melhor entrar nessa compreensão da promessa e da Palavra de Deus, Vieira nos ajuda a ver o tempo como um aliado. Ele dá densidade teológica fidedigna ao tempo,

na medida em que o coloca como este tempo, o hoje onde Deus cumpre sua promessa e concede ao homem reinventar sua história abrindo-se à novidade que descobre nessa relação sem precedentes, antiga e sempre nova, entre Deus e ele. Em Vieira, o tempo tem um status de primeira importância. O tempo presente não é em nada - nem teologicamente, nem moralmente pior ou menos fecundo que os tempos que nos precederam. A idade de ouro era ontem, é hoje e será amanhã.

Dessa maneira, Vieira conduziu-nos não somente a não temer o novo, mas a desejá-lo, a vê-lo como parte dos desígnios de Deus, como fruto da ação do Espírito Santo sempre atuante.

Após esse percurso fomos introduzidos em um outro aspecto da História do futuro. Vieira preparou-nos através dos Prolegômenos, para entrar ainda mais na concepção do Reino de Cristo. Domínio espiritual e domínio temporal foram os conceitos-chave de seu desenvolvimento, sempre em diálogo com seus opositores, para mostrar o Cristo, Senhor universal.

A paixão de Vieira pelo Reino de Cristo, para mostrar a que ponto o Cristo e o cristão estão aí imbricados, remete-nos para além de seu texto. Quais influências tiveram aí um papel decisivo? Como Vieira as retrabalha e as assume?

Com esse percurso tentamos nos aproximar de algumas das intuições teológicas de Vieira. Olhando os embates com o tempo, percebemos que seu interesse pelo tempo é de cunho teológico. Para ele, sem pertencer ao tempo, Deus o habita e nele se comunica com o homem. Este vive a aporia do tempo buscando superá-la, sem para isso medir suas forças. Por isso, o risco de cair na idolatria é real.

Em seguida, vimos que Vieira procede à verificação da possibilidade de seu próprio projeto. Como este tem lugar nessa perspectiva? Foi então que percebemos os laços entre o desejo humano e a reflexão de Vieira. Dando-se conta de que o homem gere mal a limitação, ele quer propor-lhe uma outra atitude. Não somente propô-la, mas dar os fundamentos para persuadir seu leitor de que essa atitude é possível, fundada, querida por Deus. Deus, para quem todos os futuros são presentes, mantém a iniciativa de torná-los conhecidos.

Reconhecendo e assumindo a aporia do tempo, Vieira recusa-se a colocar o homem diante do fato consumado da sucessão passado, presente, futuro. Para Vieira, a iniciativa de Deus sempre primeira. Na perspectiva dessa iniciativa, ele crê que Deus quer que o homem viva sua relação com o tempo não como um fracasso, mas como um lugar

de discernimento da promessa. Quais meios Deus dá ao homem para que esse discernimento seja possível?

Ler a promessa implicará para Vieira uma contínua referência às Escrituras. Esse modo de proceder manifesta, por si mesmo, algumas convicções: 1) A promessa tem uma história. 2) Essa história de Deus com seu povo não é cíclica. O futuro não é uma repetição do passado. É portador de novidade, lugar de esperança e de realização da palavra. 3) A promessa não está encerrada. 4) As Escrituras nas quais se inscreve a promessa de Deus atualizam o homem, restituindo-o sempre mais ao seu tempo. 5) A promessa responde ao desejo humano.

Para engajar-se nesse caminho, Vieira lembra a seu leitor nesse momento o risco da infidelidade. Ressalta que o tempo tem uma duração e ela pode ser uma provação para o homem. É um momento decisivo em que, no cerne da espera, o homem é chamado a renunciar ao imediatismo para apoiar-se somente na fé na Palavra de Deus, assim colocada à prova.

Daí a importância que atribui ao trabalho da memória e da esperança. Profundamente ligado às Escrituras, o trabalho da memória pedido por Vieira é rico em analogias. Ele faz com que o homem se lembre-se de que o desejo humano e o desejo de Deus se encontram. Deus suscita profetas que ajudarão na leitura da história, na óptica de seu projeto de salvação. É desejo de Deus sustentar seu povo na provação, alimentá-lo com sua palavra e orientá-lo.

Para Vieira há, pois, um discernimento do tempo, mas igualmente um discernimento dos profetas e das profecias. Vieira supõe que, uma vez esclarecido, o homem poderá compreender melhor a história e não apenas padecê-la. No caminho dessa compreensão, a observação do modo como Vieira nomeia Deus nos *Prolegômenos*, bem como na História do futuro, é elucidativa.

Notamos que inseridos na fé da Igreja os títulos atribuídos a Deus são diversos, mas frequentemente muito coerentes com a proposição cada uma delas ajudou-nos a melhor entrar na fé de Vieira. Também permitiu-nos abordar alguns pontos de ordem antropológica e teológica, tais como a liberdade, a responsabilidade, a graça, o pecado, a Igreja.

Desse modo, Vieira quer tirar todas as consequências existentes entre aquele que proclama a fé- ou ao menos a compreensão que dela possui, e o sentido da história. Percebemos pela escolha dos textos e por sua correspondência que, influenciado por Joaquim de Fiori, ele dá grande importância à literatura profética e apocalíptica. Não

mede esforços para buscar paralelismos entre a história de Israel e a de seu povo. Testemunhando uma grande familiaridade com os textos bíblicos, sua leitura é, às vezes, surpreendente. Ele lida sem cessar com o universal e com o particular.

A visão escatológica de Vieira não pode conceber que esse fim deixe de iluminar toda ação humana na perspectiva da fé cristã. Os Sermões e a História do futuro mostram o quanto para ele tudo é traspassado, modelado por este fim. Em sua hipótese de trabalho, entrevemos a contemporaneidade da ação de Deus. Quanto ao homem, é sem cessar exortado a reconhecê-la e dela participar.

Progressivamente pudemos constatar que Vieira se centra na verificação da possibilidade de um Reino de Cristo sobre a terra. Esse procedimento lhe dá ocasião de suscitar um debate entre o temporal e o espiritual, suas relações e até mesmo sua indissociabilidade. Ele os compreende como consequência evidente da fé em Deus, Senhor e Mestre de todas as coisas.

Podemos dizer que, com a preocupação da ortodoxia da fé, Vieira estabelece uma relação dialética entre as categorias tempo e eternidade, fé e promessa, Reino e história. A circulação entre uma e outra o coloca decididamente na esperança da vinda concreta do Reino de Cristo. A circulação entre elas sugere uma outra circulação: Deus é presente.

Em nossos dias não é raro escutar reflexões que desejam colocar Deus em seu lugar. Assinalar um lugar a Deus permitiria, de certo modo, designar um lugar ao homem. Visão que denuncia uma oposição, uma concorrência. Presenças irreconciliáveis. Espaço necessariamente exclusivo e excludente. Essa tensão entre proximidade e distância de Deus, familiar a nossos contemporâneos, está bem presente em todo o desenvolvimento do projeto de Vieira. Ousar manter-se fiel à Palavra de Deus, sem medo de perder a autonomia, ousar depender historicamente dele, um desafio para os cristãos hoje?

No processo de seu projeto, o convite: aprofundar o sentido da Encarnação e o mistério da presença ininterrupta de Deus entre os homens. Nessa perspectiva, observamos que é Deus quem devolve o homem a seu tempo: permite-lhe ser cada vez mais encarnado e presente nas realidades que o cercam. No coração do mundo o homem situa-se, para Vieira, como um homem criado para o Reino.

## **Referências**

ABRÃO, Maria. Lembra-te do futuro: **a teologia de Antônio Vieira à luz da história do futuro** – São Paulo: Edições Loyola; Recife – PE: UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco, 2012.

MANDUCO, Alessandro. **História e Quinto Império em Antônio Vieira**. TOPOI, v. 6, n. 11, jul - dez. 2005, pp. 246-260. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Consulta realizada em: 26 de fevereiro de 2023.

MAGALHÃES, Leandro Henrique. **As Trovas de Gonçalo Anes Bandarra, sapateiro de Trancoso**. Temas & Matizes – Nº 06 – Segundo Semestre de 2004. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br>. Consulta realizada em: 25 de fevereiro de 2023.

VIEIRA, Padre Antônio. Obra completa: Tomo III profética, volume IV: **Autos do Processo de Vieira na Inquisição**/ direção José Eduardo, Pedro Calafate. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

VIEIRA, Padre Antônio. Obra completa: Tomo III profética, volume I: **História do futuro e voz de Deus ao mundo, a Portugal e à Baía**/ direção José Eduardo, Pedro Calafate. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

VIEIRA, Padre Antônio. Obra completa: Tomo III profética, volume III: **Apologia**/ direção José Eduardo, Pedro Calafate. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

VILLAS BOAS, A. Padre Antônio Vieira: **4º Centenário de um teólogo desconhecido**. *Revisita de Cultura teológica*, v. 16 - n. 64 – jul/set 2008. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/15534/11600>. Consulta realizada em: 24 de fevereiro de 2023.

*Recebido em: 27/02/2023*

*Aprovado em: 10/03/2023*